

Resenha

EAGLETON, Terry. *Depois da Teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 301p.

*Alexandro Neundorf*¹³¹

É relativamente banal dizer hoje em dia que Jean-François Lyotard é o “pai” do pós-modernismo na França e um dos maiores pensadores desse novo “ismo” no mundo. Porém, e cercado por controvérsias, Lyotard havia emprestado de Arnold Gehlen o conceito de “grandes idéias explicativas” para construir sua conhecida teoria do fim dos metarrelatos, fundamento principal do “pós-modernismo”.

Não adentrando na discussão sobre se o pós-modernismo é ou não uma época, um período na história, podemos apenas caracterizar os diversos autores que tratam sobre tal tema como: aqueles que, tal como Jürgen Habermas, vêem-no como um desvio na modernidade, ou que então, simplesmente negam sua existência; e aqueles que o aceitam, mesmo criticando-o.

É nesta última que se enquadra Terry Eagleton, professor de Teoria Cultural na Universidade de Manchester e que publicou inúmeros livros, destacadamente “Teoria da Literatura”, “A Idéia de Cultura”, “Ideologia” e “As Ilusões do Pós-Modernismo”.

Neste “Depois da Teoria”, onde faz um balanço dos Estudos Culturais desde a década de 1960 até 1990, Eagleton reclama, entre outros pontos: que não podemos ficar sem teoria, que sem ela não há vida reflexiva, uma vez que “teoria significa uma reflexão razoavelmente sistemática sobre as premissas que nos orientam, ela permanece tão indispensável quanto sempre” (p. 14); que a guerra ao terror teria reinstalado as metanarrativas, antes banidas por Nietzsche, Heidegger e Derrida; e que o pós-modernismo seria ele mesmo uma metanarrativa. Perpassando essas idéias centrais, ele desenvolve uma avaliação acerca das perdas e dos ganhos da Teoria Cultural, não só respondendo as críticas como também apresentando questões à que ela foi negligente. Dessa forma, seu exame do atual momento histórico aponta para a necessidade de uma nova forma de pensar, para uma reflexão sobre as formas de pertencimento e para a emergência de uma maior sensibilidade para as mudanças.

Em seu primeiro capítulo, “A Política da Amnésia”, o autor

procura demonstrar, ao mesmo tempo em que faz um balanço do mundo contemporâneo, a situação em que se encontra grande parte dos Estudos Culturais, ou seja, não só trivializando temas, antes importantíssimos, como a sexualidade e a cultura popular, como também esquecendo-se de um passado revolucionário e coletivista. Nesse sentido, aponta que os estudos sobre a sexualidade, gênero, cultura popular, foram as maiores conquistas da Teoria Cultural nos anos 60 e 70, mas que agora esta "idade de ouro" já há muito passou. Tais temas, agora dão lugar a estudos sobre o "French Kiss", ou sobre "Friends", em um processo de banalização acrítico. Outra importante contribuição da Teoria Cultural, os estudos pós-coloniais, agora estão alterando seu foco: dos estudos da classe para a etnicidade, sendo que com isso, também fornecem a passagem de ênfase do político para o cultural. O resultado de tal mudança é a despolitização da questão pós-colonial e a inflação do papel que a cultura exerce dentro dele.

Em suma, Eagleton quer dizer que "[...] o que se provou mais danoso, pelo menos até a emergência do movimento anti-capitalista, foi à ausência de memórias de ação política coletiva – e efetiva" (p. 21). Em relação às revoluções anticoloniais no terceiro mundo do pós-guerra e aos movimentos pacifistas e estudantis do final dos anos 60 e início dos 70, "[...] muito da recente Teoria Cultural tem pouca memória de tudo isso" (p. 27).

Em "Ascensão e Queda da Teoria", a premissa motriz se dá com a noção de que "as idéias culturais mudam com o mundo sobre o qual refletem" (p. 43). A pergunta que se faz é como a Teoria Cultural, em suas formas mais familiares (de 1965 a 1980), se relacionou com o contexto histórico específico dos anos 1960 a 1980, ou em outras palavras, a Teoria Cultural teria que prestar contas sobre si mesma. Seria no único momento do pós-guerra em que a extrema esquerda assumira um papel de certa preponderância, na medida em que diversos movimentos afluíam mundialmente (rebeliões estudantis, campanhas anti-guerra e anti-nuclear, frentes de libertação nacional, surgimento do feminismo, etc.), que a Teoria Cultural e suas idéias estariam ancoradas. Na verdade, seria o contexto em que ela poderia florescer, pois uma nova sensibilidade da sociedade estava tomando forma, assim requerendo uma nova postura teórica, ou ao menos, um *rapprochement* das matrizes que ela herdava.

Porém, se tradicionalmente a idéia de cultura significava

quase o oposto do capitalismo, ao longo dos anos 60 e 70 iniciava-se uma incorporação desenfreada por outras coisas, o que acabava por descaracterizá-la. Para Eagleton, “aquilo que, durante algum tempo, havia sacudido a complacência da classe média foi logo cooptado por ela” (p. 49). É assim que inicia-se o movimento de queda, quando a teoria entra em descompasso com a realidade (à qual reflete); quando desgarrar-se do seu momento de origem; quando, ao radicalizar o marxismo (no qual referencia-se), termina por sair totalmente do político.

“À proporção que os grandes negócios se tornavam culturais, cada vez mais baseados em imagem, embalagem e apresentação, a indústria da cultura tornou-se um grande negócio” (p.69). Dessa forma, e no auge dos Estudos Culturais, a cultura parecia cada vez mais imiscuída à política – nas palavras de Eagleton, era a “política cultural” que havia nascido. Era nesse sentido que não mais se objetivava subverter a ordem política, mas garantir um espaço cultural dentro dele. Se na década de 60 a cultura passa a ser importante para o capitalismo, na década de 90 é quase indistinguível dele, e “é isso, realmente, parte do que queremos dizer com pós-modernismo” (p. 78), como afirma o autor. Nessa passagem dos anos 60 para os 90, a teoria voltou-se mais para o essencial e pragmático. Dessa forma, também comparando a Teoria Cultural com o Modernismo, Eagleton aborda seu terceiro capítulo: “O Caminho para o Pós-Modernismo”.

A seguir, apresenta as “Perdas e Ganhos” da Teoria Cultural ao longo do período do final dos anos 60 até o hodierno. Passando por uma defesa da própria noção de “teoria”, Eagleton mostra que “[...] ela nos libertou da idéia de que haja uma única maneira correta de interpretar uma obra de arte” (p. 136) por exemplo, assim como “ela nos convenceu de que há muitas coisas implicadas na feitura de uma obra de arte além do autor” (p. 138). Também proporcionou a ligação entre a cultura e o poder, pois “se ela resiste ao poder, é, em si mesma, uma forma irresistível dele” (p. 142). No entanto, em seu balanço crítico, o autor aponta que em relação a inúmeros temas a Teoria Cultural teria sido não só acanhada, silenciosa e reticente, como embaraçada, dogmática e superficial.

No quinto capítulo, “Verdade, Virtude e Objetividade”, expõe uma defesa dessas noções ante o ataque dos pós-modernistas. Para tanto, assinala a improcedência de algumas acusações disparadas contra aqueles que defendem a importância da busca

da verdade. Essas acusações apontam que tal noção seria própria de dogmáticos e fanáticos. Para Eagleton, porém, "todas as verdades são estabelecidas a partir de pontos de vista específicos" (p. 150), ou seja, não estão deslocadas do tempo e do espaço; são históricas portanto. E a importância da busca pela verdade ainda é a marca de qualquer trabalho que almeje a chancela de "ciência".

Quando trata da "Moralidade" em seu sexto capítulo, Eagleton diz que, "apelos à moralidade, como apelos à psicologia, têm sido, com muita frequência, uma maneira de evitar a discussão política" (p. 196). E, em "Revolução, Fundamentos e Fundamentalismo" (capítulo 7) e "A Morte, o Mal e o Não-Ser" (capítulo 8), Eagleton faz um balanço do atual momento mundial e procura refletir acerca dos fundamentos, não só do fundamentalismo, como também da "guerra ao terror".

Resenha recebida em 27/09/2007

Resenha aceita em 27/11/2007